

alheia; a da p. 230, sobre a mesquinhez dos fiéis quando se trata de auxiliar as obras da Igreja; etc...

Em *Caminho da Vida*, o P.^e Negromonte não teve medo de atacar certos pontos difíceis, ou porque delicados, ou porque vão bater de chofre contra a moral burguesa. Estão nesta categoria o voto eleitoral (126), o aborto (137), a imodéstia nos vestuários (44), os dias santos (190), o luxo nas Igrejas (222), a censura e proibição de livros (233).

É em suma um livro bem feito e que contribuirá não pouco para combater o talvez maior mal do nosso catolicismo desfibrado: - a ignorância religiosa.

Um livro que merece ser lido.

(Ibidem, pp. 79-80.)

UM NOVO LIVRO SOBRE O ENSINO SECUNDÁRIO.

(1937)

Há uns quantos problemas sobre que não se pode falar sem levantar uma celeuma enorme.

Faz parte desse grupo a questão ortográfica, a sucessão presidencial, a organização dos programas do Ensino Secundário.

Quando alguém toca num desses pontos, os ânimos se exaltam e a confusão de espírito é geralmente o que vem coroar esse esforço intelectual de controvérsias descompassadas.

Mas o interessante é que há tanta discussão sobre tais assuntos, justamente porque nem sempre é a paixão da verdade que acalora tais prélios intelectuais, senão, interesses outros, confessáveis ou não.

Essas questões estão resolvidas. As vozes serenas e desapaixonadas já deram a última palavra. E quem não se quer perder num labirinto de idéias desencontradas há-de se deixar dirigir por estes cicerones que não têm outra ambição senão a de servir a grande causa da verdade.

De modo que, quando aparece uma dessas palavras equilibradas e sensatas, não se tem como recebê-la com sumo prazer intelectual.

Por isso é que é bem-vindo o novo livro do P.^e Arlindo Vieira - *Subsídios Para a Reforma do Ensino Secundário* (Editora A. B. C.), onde ainda uma vez o grande jesuíta põe os pingos nos ii, pulverizando os pretensos argumentos dos que se insurgem contra a base humanista do curso secundário.

Os argumentos que invariavelmente vêm à baila contra a cultura clássica são que ela constitui perda de tempo - coisa criminosa nessa época de

dinamismo furioso –, esteriliza os cérebros infantis e juvenis, marca um recuo ao tempo do onça, etc. E os fautores do enciclopedismo acenam com os olhos deslumbrados para os Estados Unidos, onde tudo é gigantesco (até os crimes, as crises...), chamando atenção para a *grande Republica*, que não se preocupa com essas velharias nos seus programas. Bem: o livro do P.^e Vieira vem, trazendo novos depoimentos, nova argumentação de fatos, lançar ainda mais luz sobre a momentosa questão.

Para bem determinar as disciplinas que devem constituir os programas do curso secundário é preciso antes de mais perquirir qual a verdadeira finalidade dele, porque os fins é que especificam os meios. Sem conhecer essa finalidade, não se podem escolher os meios de atingi-la, isto é, a matéria, que deve ser lecionada no curso secundário e em que proporção devem ser dosadas as disciplinas.

E qual a finalidade do ensino secundário? Muito bem responde o notável jesuíta num estudo que constitui todo o cap. XI do livro em questão.

O sistema do P.^e Vieira nesse último trabalho é o mesmo dos outros: discute-se a questão com argumento de razão, depois recorre-se à grande mestra - a experiência, e recebe-se a lição fria das estatísticas.

De modo que não se pode dizer que o Autor está servindo a causas outras que não a da reabilitação da cultura nacional. Está aí o exemplo dos países mais adiantados da Europa, estão aí os depoimentos dos mestres mais provecos do velho mundo, estão aí os recenseamentos, defendendo a uma voz um curso secundário profundamente penetrado de “humanidades”.

Isso quem compulsa o livro do P.^e Vieira vê a cada passo. Ele não se esquece de examinar o reverso da medalha e o descabro em que jaz nosso ensino secundário se espelha nas páginas sinceras dos *Subsídios Para a Reforma do Ensino*, - descabro causado pela má feitura dos programas e pela desmoralização do aparelho educativo.

Releva notar no livro em questão o estudo que o P.^e Vieira faz da instrução nos Estados Unidos. Ele mostra que lá o ensino não é tão maravilhoso como parece, que não há tanta cultura como aparenta. Basta que se leiam as pp. 111-115, 199-211, 301-305 e *passim* para que se fique convencido disso! Sem desfazer do país *Yankee*, o P.^e Vieira reconhece, ao lado dos defeitos, as qualidades inegáveis que há no aparelhamento educativo dos Estados Unidos. E mostra como lá já estão os educadores preocupados com a deficiência do ensino secundário, e como, estudando a questão, concluíram favoráveis à cultura humanística, iniciando todo um grande movimento de volta aos estudos clássicos.

É o que se vê das páginas 228, 242-244 etc., e principalmente das pp. 315-325.

Sobremodo interessante é o último capítulo do livro, que constitui um resumo, as conclusões de todo o estudo, de todo o inquérito do P.^e Vieira.

Pena é que o Autor que, com tanta objetividade de vistas, se mostra no exame dessa questão magna que é a do nosso ensino, ainda não se tenha rendido à evidência e convertido à ortografia racional. Mas isso são nugas que em nada inquinam o valor do livro.

Em suma o livro que o grande jesuíta ofereceu ao Brasil é um trabalho notável e que contribuirá como os outros para esclarecer os espíritos sinceramente empenhados em reerguer a cultura nacional.

(Ibidem, pp. 80-82.)

RELIGIÃO – ALGO SOBRE A GRAÇA.

(2001)

É a Graça matéria muito importante, e geralmente ignorada.

Pode-se defini-la como “participação na vida divina”. Normalmente, no regime atual, ela é conferida pelo Batismo.

Isto, porém, não quer dizer que quem não foi batizado não está em graça; basta um exemplo gritante: Maria Santíssima! Iguamente, os justos da Antiga Lei...

Perde-se a graça pelo pecado grave, também, por isso, chamado “pecado mortal”; e recupera-se pela confissão.

Mas não é este o único meio de recuperá-la: pode ser pela chamada “contrição perfeita”, isto é, o arrependimento por ter ofendido a Deus, infinitamente bom e digno de ser amado sobre todas as coisas. Ainda que tenhamos tido a desgraça de cometer um pecado mortal, não é imprescindível que tenhamos um padre à nossa disposição... E quantos, quantos não têm!

Caímos em nós mesmos, tomamos viva consciência de nossa desgraça, e pedimos a Deus que nos socorra, que suscite em nós um arrependimento adequado, isto é, um arrependimento por ter ofendido um Deus infinitamente bom e digno de ser amado sobre todas as coisas.

E Ele nos atenderá, exatamente porque é infinitamente bom e porque realmente quer a salvação de todos os homens.

E o nosso arrependimento deve ser acompanhado do propósito de nos confessarmos na primeira oportunidade.

A Graça é um *estado*: estado de Graça. E esse estado de Graça é e deve ser o estado habitual do cristão.